

DE RUBEM BRAGA

COM DESENHOS DE
CARLOS THIRE



CM-21.6.53

CR

BRASIL

Houve um tempo em que sonhei coisas — não foi ser eleito senador federal nem nada, eram coisa humildes e vagabundas que entretanto não fiz, nem com certeza farei. Era, por exemplo, arrumar um barco de uns quinze, vinte metros de comprimento, com motor e vela, e sair tocando devagar por toda a costa do Brasil, parando, para pescar, vendendo banana ou comprando fumo de rôlo, não sei, me demorando em todo portinho simpático — Barra de São João, Piúma, Regência, Conceição da Barra, Serinhaem, Turiaçu, Curuçá, Ubatuba, Garopaba — ir indo ao léu, vendo as coisas, conversando com as pessoas — e fazer um livro tão simples, tão bom, que até talvez fosse melhor não fazer livro nenhum, apenas ir vivendo devagar a vida lenta dos mares do Brasil, tomando a cachacinha de cada lugar, sem pressa e com respeito. Isso devia ser bom, talvez eu me tornasse conhecido como um

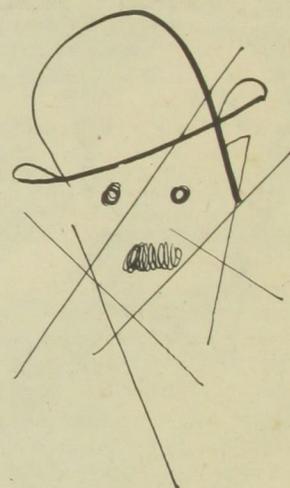
homem direito, cedendo anzóis pelo custo e comprando esteiras das mulheres dos pescadores, aprendendo a fazer as coisas singelas que vivem fora das estatísticas e dos relatórios — quantos monjolos há no Brasil, quantos puçás e parís? Sim, entraria pelos rios lentamente, de canoa, levando aralén que poderia trocar por rôscas amanteigadas, pamonha ou beiju, pois ainda há um Brasil bom que a gente desperdiça de bobagem, um Brasil que a gente deixa para depois, e entretanto parece que vai acabando; tenho ouvido falar em tanques de carpa, entretanto meu tio Cristóvão na fazenda da Boa Esperança tinha um pequeno açude no ribeirão onde criava cascudos, tem dias que dá vontade de beber genipapina.

Já tomei muito avião para fazer reportagem, mas o certo não é assim, é fazer como Saint-Hilaire ou Maximiliano ir tocando por essas roças de Deus a cavalo, nada de Rio-

Bahia, ir pelos caminhos que acompanham com todo carinho os lombos e curvas de café na casa de um colono. Só de repente a gente se lembra de que esse Brasil ainda existe, o Brasil ainda funciona a lenha e lombo de burro, as noites do Brasil são pretas com assombração, dizem que ainda tem até luar no sertão, até capivara e sussuarana — não, eu não sou contra o progresso (“o progresso é natural”) mas uma garrafinha de refrigerante americano não é capaz de ser como um refrêscico de maracujá feito de fruta mesmo, o Brasil ainda tem safras e estações, vasantes e piracemas com manjuba frita, e lua nova continua sendo o tempo de cortar iba de bambu para pescar piau. E como ainda há tanta coisa, quem sabe que é capaz de haver mulher também, uma certa mulher que ainda seja assim, modesta porém limpinha, com os cabelos ainda molhados de seu banho de rio, parece que até banho de cachoeira ainda existe, até namôro debaixo de pitangueiras como antigamente, muito antigamente.

A POESIA É NECESSÁRIA

O POETA E SEU MESTRE



JOSÉ PAULO PAES

*Tiro da sua cartola
Repleto de astros,
Mil sobrenaturais
Paisagens de infância.*

*Sua bengalinha
Queima os ditadores,
Destroi as muralhas
Libertando os anjos.*

*Calço seu sapato
E eis que percorro
A branca anatomia
De pássaros e flores.*

*Repito seus gestos
De amor e renúncia
De música ou luta,
De solidariedade.*

Carlitos !

*Teu bigode é a ponte
Que nos liga ao sonho
E ao jardim tão perto.*

GENTE DA CIDADE



*Emil Farbat,
escritor e publicitário*

Mineiro, nascido em Bicas, confessa que tem três grandes paixões públicas: o jornalismo, a literatura e a política. Há dez anos, porém, abandonou todas três atividades e é agora um homem mergulhado nos problemas do comércio e da indústria (publicidade). Passou a ver o povo brasileiro não mais em termos de leitor de seus artigos apaixonados, ou de seus discursos cheios de cifras, mas como um dos mercados de "expansão explosiva" do mundo. Trabalha em média 12 horas por dia, tem três filhos, escreveu dois romances que tiveram grande repercussão ("Cangerão" e "Os homens sós"), está com 41 anos e é bacharel em Direito. Já foi tipógrafo, revisor e garção de bar. Numa determinada fase da vida brasileira, chegou a ser jornalista e doutrinador político bastante lido e acha que a década de 1935 a 1945 foi a fase mais terrível de nossa história "pela tremenda expansão de um certo tipo de lepra moral". Quando lhe perguntam por que deixou de escrever, responde com outra pergunta: "Para que escrever?" E aponta o fato de um certo ditador que, "depois de ter cuspidido e escarrado" sobre a massa, recebeu dela, entre medroso e atônito, três milhões de votos. Algumas das emoções que a política lhe deixou: havia acabado de receber uma maleta contendo armas e boletins antiestadonovistas, quando um guarda o abordou na esquina seguinte. Estava com a pesada carga na mão e o guarda, novo no bairro do Catete, queria apenas saber onde era a rua Tavares Bastos. Deu ao guarda uma explicação minuciosa que o levaria à rua Ferreira Viana, meio quilômetro adiante. Tempos depois, quando se inaugurava o primeiro Estado de Guerra no país, descia da redação de um jornal que secretariava, no momento em que chegava uma caravana para prendê-lo. Passou exatamente no meio dessa caravana, dizendo-lhe que era mensageiro da Agência Havas, e que a pessoa que procuravam estava lá em cima no quarto andar... Na manhã seguinte, embarcava para Minas sobraçando a Bíblia e a "Ofensiva", jornal integralista. Naquele tempo, para despistar, não era preciso pôr óculos escuros — "bastava pôr a "Ofensiva" debaixo do braço"... Está muito bem como publicitário (é diretor-gerente da McCann Erickson Publicidade), mas acha que, se voltasse ao jornalismo, teria armas para vencer "catando notícias, notícias, muitas notícias, dessas que não explodem nas arenas políticas nem dos distritos policiais, mas que têm grande interesse, aceitação e sabor humanos". Crê que é preciso vir uma lei, com penas drásticas, para impedir o execrando "direito de caluniar e injuriar" que, praticamente, existe hoje no país, "em largo e total abuso". Considera Rui Barbosa o maior homem da história do Brasil, seguido de perto por uma figura da atualidade cujo nome não revelou. Pôs o nome de Tárík (o chefe árabe que invadiu a Espanha) no primeiro filho. Os amigos acharam que era do seu complexo antifranquista. E "religiosamente mineiro". Vai 3 a 5 vezes por ano a Minas. Não bebe, não fuma e não joga. Pesca e lê quando os filhos e o trabalho dão sobra de tempo.

SOCIETY

Ibrahim Sued informa:



As senhoras Alberto (Ebe) Alves Filho (uma das dez mais elegantes do Brasil) e Sebastião (Licia) de Almeida do "society" paulista passaram o Carnaval no Rio.

O CARNAVAL TERMINOU. Foi o Carnaval mais fraco dos últimos tempos. Culpa exclusivamente da Municipalidade que não promoveu a maior festa da cidade, neste ano de 1956... * No baile do Municipal muita gente ficou decepcionada pela ausência do Presidente da República... Era uma tradição, nesse elegante baile, a presença do chefe do governo * A decoração do Teatro Municipal este ano esteve muito Shangay... * Também foi desorganizada a apresentação das fantasias...

DETERMINADAS SENHORITAS estão sistematicamente decepcionadas com a primeira dama do país, sra. Sara Kubitschek, que depois da posse, cortou muita gente que fazia alarde de uma intimidade que não existia... * Nos Estados Unidos, já estão fazendo apostas sobre o casamento de Grace Kelly com o Príncipe de Mônaco. Há os que acreditam que o casamento não se realizará... A senhorita Leonora Isler, de Porto Alegre, passou este Carnaval acompanhada... Será? * Domingo de Carnaval em Quitandinha, dois grandes papos do Rio estiveram reunidos à mesma mesa: embaixadores Gilberto Amado e Edmundo da Luz Pinto. * O preço exorbitante — Um mil cruzeiros — cobrado para o tradicional baile de Carnaval de domingo em Quitandinha, foi a causa de seu fracasso. O sr. Joaquim Rolla deve se lembrar que o verdadeiro sucesso desse baile, é a nova geração, que não tem mil cruzeiros no bolso para participar de uma festa carnavalesca.

MUITO KAR as fantasias das "Debutettes" Tanit Galdeano e Ana Maria Rache no baile do "Petropolitano" * No Municipal, Maria Shangay encontrou muitas de suas discípulas... * No baile do Copa, que dos mais fracos, foi o melhor e o mais elegante, estava "very very Kar" a fantasia de toureiro da senhora Egberto Silveira. * Em

Punta del Este, Ester de Abreu lançou o samba-canção "Se um dia", com muito sucesso. É o primeiro samba-canção gravado pela popular cantora. * De casaca e condecorações, determinado senhor, apareceu fantasiado de Ibrahim Sued. * A super super "snob" Mary Kar também foi lembrada em uma fantasia muito Kar no baile do Municipal, por uma bonita jovem, que não quis concorrer aos prêmios dizendo: — Estou fantasiada de Mary Kar, e a própria, não gostará que eu me apresente usando o nome dela.

FALA-SE QUE O casamento do jovem deputado Renato Archer será este ano ainda. * No fim do mês a Sinter vai lançar o samba "Decepção", gravado pela cantora Neusa Maria, de autoria de uma conhecida figura do nosso "Café Society" em parceria com o sr. Mário Jardim. * O segundo Caju Amigo que aconteceu na terça-feira de Carnaval na residência do sr. Roberto Rocha, foi comandado pelos srs. Carlos Niemeyer, Mário de Oliveira e Osvaldo Dolabela. * O sr. Eduardo Crame passou como sempre o Carnaval no Rio. O popular Tody estava tão austero, que parecia estar muito "in love". Será? * E hoje é só. Como sempre contra o monopólio da Petrobrás e outras coisas.



A srta. Lucia Rondon (fala-se no seu casamento para breve) e a sra. Ceiso Rocha Miranda em um elegante acontecimento.